

Projecto "O direito a ser diferente"

Delmar Maia Gonçalves¹

Resumo

A diversidade cultural da comunidade escolar (alunos provenientes das ex-colónias portuguesas, zonas rurais, zonas urbanas e das camadas mais desfavorecidas da população) coloca em convívio na escola indivíduos com interesses, gostos, tradições e valores culturais muito próprios, diferentes e variados. Tal diversidade cultural gera comportamentos antagónicos e atitudes conflituais que estão na origem de muitas manifestações de violência, de abandono, de insucesso escolar e a não participação dos pais na escola. No sentido de construir uma cidadania multicultural que tenha subjacente uma educação para o desenvolvimento e para a solidariedade, estamos a desenvolver o Projecto " O Direito a ser Diferente", alocado na escola nº2 de Algés/Miraflores, o qual envolverá alunos do 1º ciclo de diferentes etnias.

O projecto é um processo dinâmico e polivalente de educação para o desenvolvimento e solidariedade entendida esta última como prática de informação e conscientização para a formação de uma mentalidade mais aberta, universal e solidária com os outros povos; este processo utiliza o envolvimento dos actores e das organizações locais e a informação actualizada como meio para incentivar o debate sobre questões e problemas relacionados com as assimetrias entre o norte/ rico e o sul/ pobre e a sobrevivência da humanidade em harmonia com a natureza.

A presente comunicação visa partilhar as dinamicidades e experiências desenvolvidas em torno deste projecto através da identificação das respectivas finalidades, metodologias e avaliação. Numa perspectiva de análise crítica fazemos o cruzamento do projecto com o pensamento e a pedagogia de Paulo Freire no sentido de encontrar e incorporar novas práticas educativas com vista a uma acção transformadora da realidade. Norteia-nos a certeza de que a liberdade do homem nasce, vivencia-se e cresce no confronto com outras liberdades.

Qual foi a origem do projecto?

Como nasceu o projecto?

Resultou de uma auscultação aos pais e encarregados de educação dos alunos residentes no bairro da Pedreira dos Húngaros.

Da percepção de uma desmotivação crescente dos alunos pela vida escolar.

Do facto de a escola ser frequentada e constituída por alunos maioritariamente pertencentes às minorias étnicas.

Do facto de estar prevista a demolição total do bairro da pedreira dos Húngaros e um posterior realojamento dos residentes num bairro social novo.

¹ Presidente do Movimento de Intervenção Cultural Moçambicano – MICM/Embaixador da paz do F.I.I.P.M./Professor do Ensino Básico. Poeta e Animador Cultural

Do facto de eu como coordenador do projecto ser originário de um país onde fazia parte de um grupo étnico minoritário e de em Portugal também estar a viver uma situação idêntica.

Da vontade colectiva dos professores em implementar o projecto.

A diversidade cultural da comunidade escolar (alunos provenientes das ex-colónias portuguesas, zonas rurais, zonas urbanas e das camadas mais desfavorecidas da população) que coloca em convívio na escola indivíduos com interesses, gostos, tradições e valores culturais muito próprios, diferentes e variados. Tal diversidade cultural gera comportamentos antagónicos e atitudes conflituais que estão na origem de muitas manifestações de violência, de abandono, de insucesso escolar e a não participação dos pais na escola. No sentido de construir uma cidadania multicultural que tenha subjacente uma educação para o desenvolvimento e solidariedade, estamos a desenvolver o projecto " O direito a ser diferente", alocado na escola nº2 de Algés/Miraflores, o qual envolve alunos do 1º ,ciclo de diferentes etnias.

O projecto é um processo dinâmico e polivalente de educação para o desenvolvimento e solidariedade entendida esta última como prática de informação e conscientização para a formação de uma mentalidade mais aberta, universal e solidária com os outros povos; este processo utiliza o envolvimento dos actores e das organizações locais e a informação actualizada como meio para incentivar o debate sobre questões e problemas relacionados com as assimetrias entre o norte/ rico e o sul/ pobre e a sobrevivência da humanidade em harmonia com a natureza.

A presente comunicação visa partilhar as dinamicidades e experiências desenvolvidas em torno deste projecto através da identificação das respectivas finalidades, metodologias e avaliação, de uma análise crítica fazendo o cruzamento com o pensamento e a pedagogia de Paulo Freire para incorporar novas práticas educativas com vista a uma acção transformadora da realidade. Certo de que a liberdade do homem nasce, vivencia-se e cresce no confronto com outras liberdades.

Análise crítica do projecto e cruzamento do pensamento de Paulo Freire com o mesmo:

A nível dos projectos curriculares da escola e da turma, a ideia de aproximar e envolver os pais na escola através da criação da escola de pais, da criação e dinamização das semanas culturais dos PALOP, do Brasil, de Timor-Leste, da China, da Moldávia, da Ucrânia e da Roménia (divulgando as suas literaturas, as suas lendas e histórias e os percursos de vida dos alunos e dos pais), estaremos a estimulá-los para ganharem voz própria ou a readquirirem-na, incentivando e valorizando a sua autonomia e auto-confiança.

E porque a pedagogia da autonomia está centrada em experiências inovadoras e estimuladoras, das decisões e responsabilidades, em experiências respeitadoras da liberdade, estaremos a contribuir para o processo autónómico ao agirmos desta forma.

Tal como defende Paulo Freire, nós acreditamos que ninguém é autónomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai-se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.

Construiremos então, uma escola verdadeiramente inclusiva, no pressuposto Freireano de que a "verdadeira" liberdade amadurece no confronto com outras liberdades.

Na alfabetização de adultos, terá de ser feito um trabalho minucioso de auscultação das suas experiências de trabalho e vida, isto é, das suas biografias pessoais potenciando-as e valorizando-as.

Serão estes os conteúdos a trabalhar na escola integrando-os no currículo programático proposto pelo ministério da educação.

Este projecto entende o diálogo como algo primordial no encontro dos homens para a sua verdadeira humanização.

Porque ensinar e "aprender" exigem disponibilidade para o diálogo, nós acreditamos que com um diálogo genuíno, aprendemos a respeitar as diferenças, aprendemos a saber ouvir, aprendemos a ser coerentes entre o que dizemos e o que fazemos, aprendemos as virtudes e a importância de saber escutar pacientemente.

Porque ensinar exige querer e "desejar" bem aos educandos, nós estamos abertos aos afectos e queremos bem a todos.

Porque ensinar exige a tomada consciente de decisões, nós propomo-nos através do nosso projecto a ajudar os "educandos" e "formandos" a tomarem consciências dos seus direitos, das possibilidades de criarem novos direitos e a capacidade de defendê-los contra o autoritarismo, a violência e o arbítrio, evitando que os oprimidos passem a opressores, nos seus métodos dominadores.

A consciencialização toma forma de cultura popular que significa a "verdadeira cultura da cidadania. E a cultura de cidadania é aquela que defende "o direito a ser diferente", é aquela que é inclusiva e que apresenta e possui características interculturais e multiculturais.

Numa sociedade onde uma percentagem de pessoas ainda não têm acesso a uma educação de qualidade, dada a incapacidade da "escola" de providenciar educação de qualidade para todos os seus cidadãos, onde não podemos ainda estabelecer consensualmente que todos usufruem verdadeiramente do direito à mesma, devemos ajudá-los a ultrapassarem o seu sentimento de incapacidade valorizando-os para agirem em sua própria defesa. Exige-se por isso mudança.

A vida não deve funcionar segundo a lógica da exclusão.

Não devemos cruzar os braços fatalisticamente diante da miséria, esvaziando desta maneira nossa responsabilidade no discurso mórbido, cínico e conformista que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim.

Deixemos pois em aberto um desafio ao esforço de ir ao encontro da autenticidade, da coragem, da ousadia e do inconformismo, num momento em que a nossa sociedade integra uma pluralidade cada vez maior de pessoas, de proveniências culturais, religiosas e até linguísticas, a intervenção da "escola" na transmissão daquele mínimo de valores que dá sentido e estrutura a comunidade, torna-se imprescindível.

Mas a "escola" não pode e, porventura não deve assumir-se como único responsável pela "educação em geral", inclusive pela necessidade pela educação complementar às famílias, é necessário envolver "todos os cidadãos" e funcionar segundo a lógica da inclusão.

Bibliografia

- Barradas, Ana, "Ministros da noite, livro negro da expansão portuguesa", Lisboa, 3ª edição, Edições Antígona, 1995.
- França, Luís de (Coordenador), "A comunidade caboverdiana em Portugal", Estarreja, cadernos do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Julho de 1992.
- Freire, Paulo, "Pedagogia do oprimido", (34ª- edição), Editora paz e terra, 1970.
- Freire, Paulo, "Pedagogia da autonomia" – saberes necessários à prática educativa, colecção leitura, (24ª edição), editora paz e terra, Brasil, 2002.
- Wieviorka, Michel, "Racismo e modernidade", Venda Nova, Bertrand editora, 1995.